

Entre as solidões da casa e do mundo: recolhimentos e acolhimentos domésticos de si e dos outros em época de Covid-19

Entre las soledades de la casa y del mundo: recogimientos y acogidas domésticas de tí y de los otros en tiempos de Covid-19

Between the solitude of the home and that of the world: domestic retreats and refuges of the self and others in the time of Covid-19

Humberto Fois-Braga¹
Leandro Beneditini Brusadin²

Resumo: As viagens pelo mundo representavam, antes da pandemia, uma forma de consumo com a prerrogativa de gozo intenso da vida e, também, de provação social. Nas atuais circunstâncias, a casa, menosprezada por muitos sujeitos como meio anti-social, tornou-se o espaço da preservação da vida e o único meio de relações com o mundo exterior. Este ensaio busca realizar um diálogo quanto ao recolhimento doméstico a partir dos escritos literários setecentistas do francês Xavier de Maistre, em justaposição com as reflexões críticas da modernidade líquida de Zygmunt Bauman e dadas interfaces filosóficas com Jacques Derrida. Consideramos, aqui, que estamos vivendo um rito de passagem diante do confinamento e do distanciamento social os quais podem promover metamorfoses nas relações de alteridades consigo mesmo e com o outros. A solidão da casa, expressa nas viagens pelos cômodos físicos e mentais, pode(ria) promover transformações no atos de hospitalidade.

Palavras-Chave: Recolhimento Doméstico; Quarentena; Viagem; Hospitalidade; Xavier de Maistre.

Resumem: Viajar por el mundo, antes de la pandemia, representaba una forma de consumo con la prerrogativa de un intenso disfrute de la vida y, también, como una prueba social. En las circunstancias actuales, la casa, subestimada por muchos sujetos como un medio antisocial, se ha convertido en el espacio para la preservación de la vida y el único medio de relación con el mundo exterior. Este ensayo busca llevar a cabo un diálogo sobre el recogimiento en la casa en los escritos literarios del siglo XVIII del francés Xavier de Maistre, en yuxtaposición con las reflexiones críticas de la modernidad líquida de Zygmunt Bauman y algunas interfaces filosóficas de Jacques Derrida. Consideramos, aquí, que estamos viviendo un rito de iniciación frente el confinamiento y el distanciamiento social que pueden promover metamorfosis en las relaciones de alteridad con ti mismo y con los demás. La

¹ Bacharel em Turismo e Doutor em Estudos Literários. Professor Adjunto do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da mesma instituição. **E-mail:** humberto.fois@ufjf.edu.br **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-4179-2564>

² Bacharel em Turismo e Doutor em História. Professor Associado do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). **E-mail:** leandro@ufop.edu.br **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-2778-2095>

soledad de la casa, expresada en los viajes por las habitaciones físicas y mentales, puede (podría) promover cambios en los actos de hospitalidad.

Palabras Clave: Recogimiento doméstico; Cuarentena; Viaje; Hospitalidad; Xavier de Maistre.

Abstract: International travel represented, before the pandemic, a form of consumption with the goal of intense enjoyment of life and, also, of social status. In the present circumstances, the home, often belittled by many as an anti-social environment, has become the space for preservation of life and the only means to connect with the outside world. This essay aims to discuss domestic retreat in literary works of the seventeenth century by French author Xavier de Maistre, while comparing them to the critical reflections on liquid modernity by Zygmunt Bauman, as well as creating philosophical interfaces with Jacques Derrida. We consider, here, that we are experiencing a rite of passage with social distancing and confinement, both of which can promote metamorphoses in the relations of alterity with oneself and others. The solitude of the home, expressed by travels through the physical and mental rooms, could, perhaps, promote changes to the acts of hospitality.

Keywords: Domestic retreat; Quarantine; Travels; Hospitality; Xavier de Maistre.

Eu estive em todos os lugares e só me encontrei em mim mesmo.
John Lennon

A tarefa de escrever um texto ensaístico, durante uma crise sanitária global a qual vem transformando modos de vidas locais, desafia os pesquisadores que se propõem a pensar esse episódio histórico em uma perspectiva humana e social. Nesse caso, o risco se refere ao fato de que o distanciamento temporal desta catástrofe nos permitiria tecer comentários mais assertivos após termos o real dimensionamento do que o corona virus (Covid-19) causou. Nesse momento da pandemia, sequer sabemos quando trataremos o vírus como um acontecimento pretérito e, diante disso, as previsões tornam-se devaneios frutos da imaginação coletiva que anseia em retornar a rotina social. Entretanto, após o convite da Revista Cenário e diante do imperativo de contribuições reflexivas à luz dos acontecimentos, nos propusemos a pensar o confinamento social sob a ótica da hospitalidade doméstica, em uma perspectiva filosófica, com o suporte de uma crítica literária.

Durante a quarentena a sociedade encontra-se imersa em um quadro paradoxal quanto às suas próprias percepções dos fatos sociais. De um lado, vivencia situações cotidianas com uma abundância de informações as quais, muitas vezes, somos incapazes de processar; por outro, a sociedade se vê brutalmente desacelerada com a impossibilidade de seguir com o ritmo frenético que a modernidade nos impõe. O fato de ser obrigada a ficar em casa para que a disseminação da doença não se propague simboliza uma epifania indesejada na relação consigo mesmo e, também, com a nossa própria casa enquanto extensão do eu. Se outrora buscávamos na cidade ou em alguma viagem uma forma de escapismo social ou de novos encontros existenciais, ora isso não é possível, ao menos quanto ao contato físico com o outro. Com isso, na impossibilidade de nos explodirmos e nos estilhaçarmos em direção aos outros que habitam o mundo, o que nos resta é implodirmos em nossa casa e em direção aos outros que nos habitam e as vezes nos assombram.

Como estamos lidando com o encontro consigo mesmo no recolhimento doméstico do Covid-19? Estamos sendo capazes de acolher a nós próprios e os que moram conosco?

Focaremos nossas vidas ainda mais nas relações virtuais para suplantar a ausência do mundo físico do "lado de fora" da casa? Quais as formas de hostilidades vem à tona diante do medo social? Nos dias que correm, tais indagações não possuem respostas exequíveis, porém o simples ato de nos questionarmos pode representar um importante passo para compreendermos a aceleração imposta pela modernidade e a desaceleração estabelecida pelo vírus as quais, hipoteticamente, são causa e consequência da mesma coisa: vivemos uma crise existencial da modernidade em suas formas de relação com o outro-eu. Tal crise, expressa no pavor de ficar em casa durante a quarentena, traz uma necessidade de profunda reflexão sobre os medos e os sentidos controversos da solidão humana.

Para tanto, este ensaio busca realizar um diálogo quanto ao recolhimento doméstico a partir dos escritos literários do francês Xavier de Maistre, que viveu no final do século XVIII, em justaposição com as reflexões críticas da modernidade líquida de Zygmunt Bauman e suas interfaces com pensadores como Jacques Derrida e outros mais. Temos em mente que o viés da hospitalidade social tem muito a contribuir na relação do sujeito com a sua casa e, a partir desta, com o mundo e suas viagens.

No diálogo fluído do tempo recorremos a Xavier de Maistre que escreveu, em 1794, um livro paródico dos relatos de viagem intitulado *Voyage autour de ma chambre* ("Viagem em volta do meu quarto", em tradução livre). O narrador, obrigado a ficar preso em seu aposento e sem contato com o exterior, diz-nos que sua viagem durou 42 dias e que "as observações interessantes que realizei, e o prazer contínuo que senti ao longo do caminho, fizeram-me desejar torná-lo público [...]" (MAISTRE, 2004 [1794], 41, tradução nossa). Esta viagem pelo seu aposento exíguo poderia ser executada da forma que ele bem desejasse, atravessando o cômodo "[...] na horizontal e na transversal, ou mesmo na diagonal, sem seguir nenhuma regra nem método. - Eu farei até mesmo ziguezagues e farei meus percursos a partir de todas as linhas geométricas possíveis, se isso for necessário" (MAISTRE, 2003 [1794], 49, tradução nossa).

Contrário a qualquer método, aberto às novidades que poderia descobrir mesmo em um ambiente já conhecido e perscrutado várias vezes anteriormente, o escritor se propõe a deixar-se levar unicamente pelos impulsos e intenções que vão surgindo durante seu caminhar:

A meu ver, não há nada mais atraente do que seguir suas ideias a partir de cada pista que vai surgindo, como o caçador persegue sua presa, sem se obrigar a se manter em nenhuma rota. Assim, quando eu viajo no meu quarto, eu percorro raramente uma linha reta: eu vou da minha mesa em direção ao quadro que está situado em um canto; de lá, eu parto obliquamente para ir até a porta; mas, ainda que partindo minha intenção fosse de chegar, se eu encontro minha poltrona no caminho, eu não me faço de rogado, e eu me instalo imediatamente [...] (MAISTRE, 2003 [1794], 48, tradução nossa).

Sua obra é uma crítica à necessidade das pessoas viajarem, já naquela época, cada vez mais para longe de casa, tendo que enfrentar desafios e desconfortos, preocupadas sobretudo com a importância social do partir em detrimento do intimismo presente nas descobertas ao longo do caminho. É, por isso mesmo, um elogio paródico ao confinamento. E quem ousaria elogiar o confinamento, sob tal ponto de vista existencial, em tempos de Covid-19?

Todavia, embora Maistre (2003 [1794]) apregoe os benefícios da falta de método nesta viagem, é perceptível a existência de uma lógica em seus procedimentos autoetnográfico e de autoanálise. Vejamos suas premissas: i. deixar-se guiar pelas suas vontades momentâneas, vivendo no império do desejo; ii. desprender-se dos julgamentos alheios, bloqueando os chamados sedutores e sempre urgentes que desviam a atenção daquilo que realmente importa; iii. desnaturalizar os olhares e comportamentos diários,

trazendo o exótico (ex-óptico, tudo aquilo que está para além do olhar rotineiro) para o ambiente intimista do próprio quarto. Estas três premissas levariam tal viajante recluso às descobertas sobre si e sobre o seu estar-no-mundo.

Ora, se a casa é um ambiente familiar e de segurança, o quarto se propõe a ser o cômodo mais intimista de todos os demais, tendo a cama como o epicentro da vulnerabilidade de seu morador, frágil e indefeso em sua horizontalidade inerte do sono e dos sonhos. Obviamente, a viagem do narrador-personagem pelo quarto é uma metáfora para uma outra, aquela que opera para dentro de si, para visitar seus cômodos e recantos às vezes escuros e pouco arejados. E é tal viagem metafórica pela casa, em tempos de confinamento, quarentena e distanciamento social por causa do Covid-19, que nos interessa refletir a partir do relato autoficcional de Xavier de Maistre, agora relido no contexto de um século XXI. Para tal ensaio, desviar-nos-emos da crítica literária que ele esboça aos relatos de viagem para nos atentarmos às suas proposições filosóficas a respeito das descobertas de si tendo como “anti-método” a flânerie solitária pelo quarto.

O desafio que Maistre entendeu para si próprio naquele tempo foi posto à sociedade durante a quarentena do Covid-19 séculos depois. No entanto, o sujeito moderno acostumado a uma infinita gama de circulação social se vê extremamente coagido, talvez mais do que o sujeito que o escritor já criticara em seu tempo. A quarentena necessária para atenuar os efeitos nocivos da pandemia poderia ser entendida como um recolhimento social, porém recolher-se não é uma atitude moderna. Diante dessa dificuldade existencial, os sujeitos centralizam-se no modo de vida virtual com a pretensão de continuar a ter contato com o mundo fora de casa.

Xavier de Maistre pressagiu no século XVIII o que Zygmunt Bauman constatou dois séculos depois em suas denominadas relações líquidas na modernidade. Bauman (2008) assevera que os tremores existenciais tornaram-se fruto da busca de segurança de seus corpos e extensões: lares tornaram-se, assim, vulneráveis diante de inesperado. O individualismo, o desvanecimento dos vínculos humanos e o definhamento da solidariedade estão gravados em um dos lados da moeda que traz do outro a efígie da globalização. Tal característica social moderna gerou uma busca febril por uma solução para a cura do mal que o Covid-19 causou, ainda que os domínios de fato tenderão a permanecer incontroláveis, especialmente o medo da solidão que a habita em nós.

Esta ode ao confinamento forçado e à quase imobilidade do cotidiano leva-nos imediatamente a refletir sobre nossa situação contemporânea, mas com algumas ressalvas socioculturais de época de Maistre. Ainda temos que lidar com as horas vazias dos dias que se repetem em *looping* e nos remetem ao eterno retorno nietzschiano¹. Já a diferença recai no modo como lidamos com esta solidão de um contato social reduzido, ou seja, de como resolvemos a ausência do outro nos nossos dias. Para o narrador do relato, era uma bênção a ausência desta alteridade em seu quarto - “haveria ser tão infeliz, tão abandonado, que não teria um local onde poderia se retirar e se esconder de todo o mundo?” (MAISTRE, 2003 [1794], 41, tradução nossa) -, porque somente assim estaria apto a dialogar com os outros que lhe habitavam. Logo, seu relacionamento era consigo por intermédio das coisas - objetos escassos que coabitavam seu quarto, por princípio mudas e que respondem aos desejos de seus proprietários e observadores (BAUDRILLARD, 2006; STARACE, 2015).

Já para nós, em tempos de internet e tecnologias mais avançadas *vis-à-vis* as do século XVIII, tentamos romper o silêncio e a introspecção que tememos não somente no relacionamento com as coisas, uma vez que avançamos para também preenchermos tais horas vazias com uma polifonia cacofônica de vozes que nos impomos via televisão, streaming, redes sociais, notícias, Whatsapp e delivery. Em outros termos: se o narrador queria se isolar do mundo, deixando-o fora de seu quarto, o que fazemos é forçar um efeito de presença do mundo em nossa casa, servindo-nos de válvulas de escape para nossa introspecção e déficits de atenção em nós mesmos.

Diante destas formas de percepção da vida moderna, a desaceleração do tempo estabelecida pelo vírus precisa ser resolvida rapidamente e a qualquer maneira. Na ânsia para que isso ocorra, o sujeito se foca nas redes sociais com a pretensão de continuar com o ritmo acelerado da vida, pois pensa que alterar os seus status nas redes sociais e expor a sua vida durante a quarentena é uma forma de ter contato com o mundo e, também, lidar com o redimensionamento do seu tempo desacelerado que exacerba a sua (nossa) solidão. Daí surgiram as “lives” gravadas dentro de casa durante a quarentena em contra-senso com as cenas de milhares de mortes causadas pela doença no mundo. Nesses termos, para os que temem o vírus diante dos alertas dos cientistas e das indicações da maioria das autoridades da área da saúde, a casa passou a ser entendida como um território da vida e o mundo externo como um locus da morte. De toda forma, ambas - a vida e a morte - estão presentes dentro da casa: a primeira representada pelas lives nas redes sociais e a segunda situada pela forma apocalíptica que a mídia trata a questão.

Ao trazer os os sentidos do escrito setecentista de Maistre, vemos que esta possibilidade do acesso constante ao outro causa distúrbios na viagem de autodescoberta proposta pelo narrador-personagem, principalmente porque destrutura as premissas que apontamos como necessárias ao seu anti-método de reclusão. De um lado, elimina a possibilidade de se seguir no seu próprio ritmo, posto que o olhar e a voz do outro que buscamos como antídoto anti-solidão impõem-nos um prestar conta - os alertas do celular, por exemplo, podem vir a qualquer momento e por isso provocam um efeito de presença constante do mundo lá de fora, chamando e clamando por nossa atenção no tempo dele, e não no nosso. Por isso, ao ficarmos mais atento ao mundo que nos chega em casa via tecnologia, acabamos por não aproveitar as oportunidades de nos reconectarmos com o exótico que nos habita e que habitamos.

Por que, então, na hospitalidade contemporânea, rejeitamos o declínio residual da hospitalidade doméstica? A franca separação entre agentes do Estado, entre profissionais da hospitalidade pública e privada é exatamente o problema. (...) A hospitalidade atende a uma necessidade equivalente à exogamia: precisa aliar-se ao exterior (GOTMAN, 2001, p. 605, tradução nossa).

Apesar disso, em uma percepção a partir de Han (2017), tendemos a direcionar nossas energias vitais e psíquicas às alteridades que habitam o mundo externo, e neste ato acabamos por atrofiar e desviar nossa libido das alteridades que nos constituem e que seriam fontes de um autoerotismo. Não obstante, por mais que o sujeito moderno tenha a pretensão de ser único com a exibição de sua imagem de formas exacerbada e auto-centrada no mundo virtual (enquanto mundo exterior), reverte-se como todos os demais usuários, pois suas ações somente vêm a atender aos anseios que mundo virtual deseja ver, consumir e descartar. Torna-se, assim, alheio (e muitas vezes avesso) às alteridades que nos fariam mais humanos em causas realmente distintas das nossas próprias, pois quando focalizamos o mundo externo somente somos atraídos por nós próprios. A própria tecnologia do mundo virtual faz o serviço de seleção do que seria os outros - o mundo externo - com a intenção de encontrarmos a nós próprios. O personagem central do filme “Ela” retrata isso ao se apaixonar por uma voz de um dado sistema operacional que representa seus próprios desejos. Nesses termos, a busca por contato exterior no mundo virtual representa um dado consumo de nós próprios, porém não somos capazes de refletir existencialmente sobre tal (como propõe Maistre), pois se trata de um produto a venda que não leva a uma imersão humana profunda.

Fato é que um resultado particularmente do mundo líquido é a substituição dos interesses compartilhados pela identidade compartilhada. Nesse caminho, Bauman (2004) ressalta que, quanto mais as pessoas permanecem num ambiente uniforme – na companhia de outras “como elas”, com as quais podem “socializar-se” de modo superficial e prosaico

sem o risco de serem mal compreendidas, mais tornam-se propensas a “desaprender” a arte de negociar um *modus convivendi* e significados compartilhados, o que resvala na impossibilidade da empatia e nas polarizações e defesas, às vezes nefastas e intransigentes, de um único ponto de vista, como vem ocorrendo nas esferas públicas contemporâneas. Em épocas de Covid-19, percebemos de forma mais acentuada como desaprendemos a negociar o *modus convivendi* com a nossa própria casa, e os significados só passam a ter sentido se o mundo externo os confere como produto, tal como as exposições da mesma nas redes sociais.

Ainda assim, a casa continua a ser uma representação de nosso corpo, os dois substantivos funcionam como alegorias intercambiáveis para falarmos de uma hospitalidade doméstica¹¹: receber um outro em *chez soi*, no lar e em si. Mas, em época de Covid-19, de repente, ninguém chega batendo às nossas portas, e ninguém se anuncia, o que nos resta é nos anunciarmos - gritar para o mundo para se fazer presente, ou implodir no silêncio do fazer-se esquecido no processo de autodescoberta.

Aqui, cabe-nos pensar sobre como nossa mente e espírito anfitriões organizam atos de hostilidade e de não-acolhimento *vis-à-vis* às alteridades que nos habitam e que se encontram na soleira da porta, no limiar de passagem entre o inconsciente de onde vêm e o consciente onde desejam se instalar: este consciente que, por princípio, julgamos como nossa territorialidade controlada, monitorada e que constitui nosso “Eu” absoluto, e que por isso mesmo deseja bloquear as relações eróticas de acolhimento com tais “Alteridades” do inconsciente - porque sabemos que aquele que chega é fonte também de perigo ao impor uma presença que desestabiliza o nosso ser.

Emmanuel Lévinas (2004, p. 272) nos assegura que é na relação pessoal do eu ao outro, o acontecimento ético, a caridade e a misericórdia, a generosidade e a obediência, conduzem além ou elevam acima do ser: “não é a consciência que funda o Bem, que é o Bem que chama a consciência. A sabedoria é o que o Bem ordena. É em vista do Bem que toda alma faz o que faz, tal como em Platão”. A fenomenologia da alteridade denominada pelo autor tem para ele próprio a seguinte dimensão: “tentei fazer uma fenomenologia da socialidade, a partir do rosto de outro homem – a partir da proximidade – ou – vindo, antes de toda mímica, na sua retidão do rosto, antes de toda expressão verbal” (LÉVINAS, 2004, p. 217). A retidão do rosto expressa por Lévinas pode se estendida, em nossos tempos, como a metáfora da casa, extensão do nosso corpo, do nosso rosto.

Em outros termos, como o consciente que somos evita acolher estas suas alteridades? Ao irmos em direção à alteridade externa que fazemos clamar por nossa presença, não estaríamos bloqueando nosso encontro com aquelas outras que nos habitam? Ouvir as vozes das sereias do mundo que cantam para nos seduzir não seria uma forma mais fácil de evitar o confronto com todo aquele mundo-outro do inconsciente que nos habita? Até que ponto sobrecarregamos nossa busca pelo mundo lá de fora porque temos medo de nós mesmos? Será que buscamos nossos pares no mundo porque eles nos confortam com a segurança do acolhimento daquilo que nos é familiar e, assim, com a desculpa de que estamos ocupados e com a “casa cheia”, sabotamos a acolhida dos estranhos que nos habitam? Estamos sugerindo que o consciente-anfitrião tem receio do inconsciente-hóspede, uma vez que aquele se vê como sujeito da razão e senhor absoluto de si e de seus domínios. Por isso mesmo, ele evita uma anarquia em seus arquivos já organizados ao impedir a aparição daqueles “outros” estranhos que lhe habita.

No jogo dialético do acolhimento social entre o que somos e o que os outros representam para nós, Derrida (2004) situa a Lei da hospitalidade a partir da inversão dos papéis entre o anfitrião e o hóspede: o hospedeiro que recebe (host), aquele que acolhe o hóspede, convidado ou recebido (guest), que se acredita proprietário do lugar é, na verdade, um hóspede recebido em sua própria casa. Ele recebe a hospitalidade que ele oferece em sua própria casa, ele a recebe de sua própria casa - que no fundo não mais lhe pertence. Nesse pensamento, o hospedeiro como host é um guest. A habitação se abre a ela mesma,

a sua essência sem essência, como terra de asilo. Assim sendo, para o autor, é preciso acolher o outro em sua alteridade sem esperar nada em troca e, portanto, não se limitar a reconhecer os seus próprios predicados: a Lei da hospitalidade aparece como uma Lei paradoxal e perversa.

Nesse caminhar, recorremos a Bauman (2004, p. 130) quando disse que "os recém-chegados são inimigos da tranquilidade e da autocondescendência". Entretanto, o autor nos lembra que os estranhos não são uma invenção moderna, mas aqueles que permanecem estranhos por um longo período, ou mesmo perpetuamente, o são. A responsabilidade moral pelo o outro passou a ser visto no mundo moderno como dependência em um sentido pejorativo. As cercas erguidas pelo Covid-19 fortalecem uma existência incerta, errática e imprevisível da qual não estamos aptos para lidar, pois o ser humano tem pavor do estranho

Tomillo Noguero (2013, p. 171) diz que o encontro com o desconhecido tem uma função libertadora e, em determinadas circunstâncias, a abertura para o outro é "sentirse responsable por él y, así, manifestar su donación, don y dádiva". Nessa direção, Lévinas foi um dos grandes filósofos da ética da hospitalidade ao dizer que quando a casa é acolhedora, torna-se uma "morada", e seu interior é, ao mesmo tempo, aberto e fechado na necessidade do recolhimento humano - subjetivo em seu espaço privado.

Podemos ser, como diria Kristeva (1991), estrangeiros para nós mesmos, acolhendo (resgatando? restituindo?) aquele outro que nos habita no inconsciente e que tentamos silenciar nos barulhos do mundo. Mas, para isso, é necessário apreciar a solidão e o vazio das horas passadas em casa, o que não é uma tarefa fácil - basta recordarmos daquela personagem trágica da literatura francesa: *Madame Bovary*, no romance escrito por Gustave Flaubert (1857) e que retrata o desespero do tédio diário que leva ao suicídio. Traços que encontramos também na obra de Martha Batalha, *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), ainda que sua personagem tenha conseguido, até certo ponto, rebelar-se e sobreviver às horas vazias de espera:

Porque Eurídice, vejam vocês, era uma mulher brilhante. *Se lhe dessem cálculos elaborados ela projetaria pontes. Se lhe dessem um laboratório ela inventaria vacinas. Se lhe dessem páginas brancas ela escreveria clássicos. Mas o que lhe deram foram cuecas sujas, que Eurídice lavou muito rápido e muito bem, sentando-se em seguida no sofá, olhando as unhas e pensando no que deveria pensar* (BATALHA, 2016, p. 81, grifos nossos).

Duas penélopes modernas que, assim como a grega, tentam sobreviver às longas tardes entediadas da casa, sonhando com o mundo masculino das aventuras e viagens nas ruas, resignando-se com o que "lhes deram". Elas sonham e esperam que o outro venha como forma de preencher um vazio existencial regulado pelo lento passar das horas nos relógios da sala, da cozinha e do quarto. Elas aguardam a chegada de uma presença masculina - um príncipe, o marido - que baterá à porta para lhes resgatar do tédio e trazendo notícias do mundo. Enfim, são mulheres presas em um universo simbólico masculino, e que por isso acreditam que a redenção para o enfado da casa estaria na chegada de um homem à porta - mal sabem elas que esta libertação deveria vir do próprio campo simbólico do feminino que lhes habitam e, para tanto, precisariam ser acolhidas e resgatadas por elas mesmas, como já vem apregoando as críticas feministas e pós-coloniais.

A acolhida de si exige a coragem de fazer silêncio e viajar pelas paisagens femininas que habitam e formatam o inconsciente - é preciso se anunciar no feminino. E é aqui que também podemos pensar a casa não somente como o espaço masculino do consciente, mas também do feminino do inconsciente. Ora, para Derrida e Lévinas, como bem percebeu e comentou Rodrigues (2011), o outro absoluto estaria vinculado ao universo feminino, e por isso o encontro incondicional seria sempre um ir em direção ao acolhimento de uma Outra.

Neste sentido, a casa promove sempre uma tensão, porque ao mesmo tempo que é vista como o Eu masculino da autoridade consciente, já que é onde nos sentimos à vontade, por outro lado, ela remete à Outra feminina da alteridade inconsciente, porque guarda em si traços e pistas de uns nós-mesmos que ignoramos. Por isso tudo, mergulhar na rotina da casa - de forma voluntária ou forçada - é uma oportunidade para vivenciar a sensação de *unheimlich* apresentada por Freud (2010): há algo de estranho que nos perturba na nossa familiaridade, existe uma sensação de “coisas fora do lugar” e, mesmo assim, tudo parece estar certo e em ordem. A casa pode ser um local de desencaixes inquietantes - torna tudo estranhamente familiar a partir do momento que desnaturalizamos nosso olhar nestas incursões que realizamos pelos nossos cômodos, pelos nossos hábitos e objetos do cotidiano. E estes estranhos fantasmas que nos habitam clamam para se fazerem presentes e acolhidos (ainda que tentemos evitar ouvi-los ao aumentarmos o volume do som do mundo que entra pela nossa ‘casa’ a partir de ‘janelas’ reais e virtuais). O que o período de afastamento social e quarentena nos traz é a potência de acolhimento do caos que nos habita - a possibilidade de reorganizar nossos arquivos, ou como poderia ter dito Derrida (2001) nestes tempos atuais, temos a possibilidade de “nos anarquivarmos”, criando uma nova organização e classificação dos arquivos que nos constituem enquanto sujeitos, dotando-nos de novas possibilidades de ser e de estar no mundo.

Vivemos a nossa época como um rito de passagem pessoal e social. E, neste período de conturbações, duas frases ecoam constantemente nas redes sociais e nos canais de notícias: “#FiqueEmCasa” e “a sociedade não será mais a mesma”. A primeira é uma estrutura frasal imperativa, enquanto a segunda traz um vaticínio, mas o que ambas não nos informam é a respeito do “como” - “como ficar em casa?” e “como a sociedade será diferente?”. Embora haja dicas e suposições em abundância, o caminho é pessoal em busca da melhor maneira de realizar tais sentenças; e uma vez que a segunda é consequência da primeira, a sociedade que teremos pós-Covid-19 dependerá muito da forma como ficaremos em casa.

As viagens pelo mundo representavam, antes da pandemia, uma forma de consumo com a prerrogativa de gozo intenso da vida e, também, de provação social. Nas atuais circunstâncias, a casa, menosprezada por muitos sujeitos como meio anti-social, tornou-se o espaço da preservação da vida e o único meio de relações com o mundo exterior. Diante desse quadro, a casa passou a ser exposta de maneira exorbitante, já que o mundo da viagens e suas formas de consumo mais exacerbadas como hotéis e restaurantes não podiam mais cumprir o papel da provação social. A casa passou a representar, ao menos para a camada mais privilegiada da sociedade, uma forma de ostentar o seu poder e manter-se na cena moderna por meio das “lives”. Às camadas sociais menos abastadas resta o papel de observar tais cenas e ainda difundir nas redes, frente aos seus desejos inalcançáveis. Imprescindível registrar que o confinamento social não é possível para parte de uma população mundial que sequer tem o direito de permanecer em casa, pois o risco do vírus mortal é menor do que o prato de comida ausente na mesa do jantar.

Este ensaio buscou discutir as possibilidades: por um lado, podemos aprender a lidar conosco, entendendo a casa como expressão visível do nosso (in)consciente, por outro lado, podemos forçar a mente a se calar ao trazermos os ruídos do mundo para dentro de nossa casa - estas duas opções ficam muito bem demarcadas através de duas tendências de comportamento que vislumbramos e que simbolicamente representam este duelo de possibilidades: alguns passam os dias em redes sociais e buscando formas de burlar o pedido para não sair, enquanto outros estão faxinando, cozinhando e organizando seus objetos/coleções. Enfim, vemos aí duas formas extremas de uma hospitalidade doméstica - aquela que acolhe o mundo e a outra que busca recepcionar a si mesmo. Entre estas duas, há toda uma escala de estar consigo e com o mundo, simbolicamente representada pelas janelas e varandas, capazes de serem locais onde a rua e a casa se encontram, como já comentou Roberto DaMatta (1997), e que hoje vemos como expressões do estarmos

concomitantemente juntos e separados socialmente, mantendo uma determinada distância ao mesmo tempo em que realizamos atividades coletivas (e.g. são as festas em varandas, as manifestações políticas coletivas, etc.).

Aqui, para finalizar, propomos um diálogo com o livro *A Metamorfose* (1915), de Franz Kafka. Gregor, o personagem que se vê transformado em um grande inseto, é rechaçado e escorraçado por sua família, e assim passa a viver solitário e comendo migalhas que encontra em seu quarto. Até que, finalmente, ele morre esquecido pela sua família que, na realidade, se sente aliviada por se livrar desta situação desconfortável. Vemos que assim como o personagem-narrador de Xavier de Maistre, o de Franz Kafka também fica preso em um cômodo, mas o que os diferencia é a forma como ambos vivem este isolamento forçado: o primeiro percebe o esquecimento que o mundo lhe impõe como uma oportunidade, e anda majestosamente pelo seu cômodo, buscando descobrir-se a partir do escrutínio atento que realiza do espaço e seus objetos. Já o segundo compreende nesta indiferença familiar (i.e. de seu mundo) um abandono que lhe atinge e o deixa prostrado, e por isso anda se escondendo pelos cantos, com temor de ser pisoteado. Ambos têm no quarto um casulo que lhes isola do mundo, mas a forma da metamorfose é distinta: em Kafka, a metamorfose é física e leva à morte, em de Maistre é de regeneração de si e leva à uma nova forma de se estar no mundo. A diferença é que um preenche os vazios das horas passadas no quarto com a criação de um novo ser, enquanto o outro com a aniquilação do seu ser - um preenche o vazio com o espírito de flânerie e com domínio sobre si, enquanto o outro se vê como animal acuado em busca de sobrevivência. Para um, a porta do mundo quando abre traz a vida, no outro, o velório. Nitidamente, uma oposição entre viver na pulsão de vida (agindo) e na de morte (aguardando) freudiana.

Fato é que durante o período de confinamento social vivemos uma auto-mixofobia (sensibilidade alérgica e febril aos estranhos e aos desconhecidos) representados em nossa própria casa enquanto extensão do nosso corpo. No entanto, a quarentena obrigatória poderia ser compreendida como um recolhimento social para refletir os nossos modos de consumo e a nossa relação com os outros no mundo externo (para muito além do virtual) a partir da hospitalidade doméstica. Como está bem marcado na epígrafe deste ensaio, não adianta frequentarmos o mundo se não visitarmos, primeiramente, nós-mesmos – afinal, é pelas janelas e portas da nossa casa que avistamos e acessamos a vida lá fora.

Estamos vivendo um rito de passagem, e pelo confinamento e distanciamento social sofremos as metamorfoses que preparam a sociedade que virá. E a viagem turística pelos nossos cômodos físicos e mentais, visitando nossos sótãos e porões, é a única possível no momento, mas é também a capaz de promover transformações em nós e no mundo. Para isso, teremos que ser guia de nós mesmos, nesta jornada onde, no final, voltamos não para casa, mas para o mundo lá de fora.

Diante das angústias sobre o futuro incerto é importante salientar que, num mundo em que a solidariedade e a empatia tornaram-se barganhas do sistema econômico ao qual deve prevalecer, torna-se improvável que os laços sociais e existenciais se transformem em uma resignação coletiva da modernidade pós-Covid-19. Urge disso a importância desta reflexão e de outras mais que devem ser apresentadas pelas ciências humanas e sociais (inclusive o Turismo nessa dada perspectiva da hospitalidade), ao ponto que são essas mesmas que estão em constante desvalorização pelo sistema político neo-liberal. Entretanto, corroboramos com Bauman (2008, p. 221) quando diz que "não existem pontes transitáveis entre este mundo aqui e agora e o outro, emancipado, hospitaleiro à humanidade e amigável ao usuário". Ademais, o mesmo autor conclui que é tarefa dos vivos manter viva a esperança na luta contínua de tornar o mundo mais hospitaleiro para a humanidade, especialmente dos intelectuais que continuam acreditando que o derradeiro propósito do pensamento é fazer o mundo melhor que o encontraram.

REFERÊNCIAS:

- Batalha, M. (2016). A vida invisível de Eurídice Gusmão. São Paulo: Cia. das Letras.
- Baudrillard, J. (2006). O sistema dos objetos. São Paulo: Perspectiva.
- Bauman, Z. (2004). Amor Líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2008). Medo líquido. Rio de Janeiro: Zahar.
- Damatta, R. (1997). A Casa & a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Rocco.
- Derrida, J. (2001). Mal de arquivo: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará.
- Derrida, J. (2003). Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade. São Paulo: Escuta.
- Derrida, J. (2004). Adeus a Emmanuel Lévinas. São Paulo: Perspectiva.
- Gotman, A. (2001). Le sens de l'hospitalité. Essais sur les fondements sociaux de l'accueil de l'autre. Paris: Presses Universitaires de France.
- Freud, S. (2010). História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras.
- Han, B.-C. (2017). Agonia do Eros. Petrópolis, RJ: ed. Vozes.
- Lévinas, E. (2004). Entre nós. Ensaio sobre alteridade. Petrópolis, RJ: ed. Vozes.
- Kristeva, J. (1991). Étrangers à nous-mêmes. Paris: Éditions Gallimard.
- Maistre, X. (2003 [1794]). Voyage autour de ma chambre. Paris: Éditions Flammarion.
- Rodrigues, C. (2011). A costela de Adão: diferenças sexuais a partir de Lévinas. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 19(2): 336, p. 371-387.
- Starace, G. (2015). Os objetos e a vida: reflexões sobre as posses, as emoções, a memória. São Paulo: ed. Martins Fontes.
- Tomillo Noguero, F. (2010). La hospitalidad de la Antigua Grecia: de la Odissea a las leyes. Homo Viator, México, ano I, num. 1.

ⁱ Aliás, formas de expressão irônica e burlesca nas redes sociais operam como interpretações cômicas de nossa (ir)realidade cotidiana. Eis um *memé* que demonstra a vivência do tempo vazio da repetição em época de Covid-19: “until further notice, the days of the week are now called, thisday, thatday, otherday, someday, yesterday, today and nextday”.

ⁱⁱ Para tal, basta percebemos como cada cômodo da casa busca suprir uma necessidade sócio-biológica do corpo de seus moradores e visitantes: cozinha para se alimentar, quarto para dormir e sexualidade, banheiro para necessidades fisiológicas básicas, sala para socializar-se. Casa e corpo protegem quem lhes habita e lhes visita.

Recebido em:25/05/2020 - Aprovado em: 01/06/2020